



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.109.A011>

Revisão integrativa sobre Resiliência Psicológica em publicações Brasileiras

Integrative review regarding psychological resilience in Brazilian publications

Renan de Barros Hoinski
Universidade Tuiuti do Paraná
<https://orcid.org/0000-0002-4993-5793>
renanhoinski@gmail.com

Matheus Chequim Carrascoso
Universidade Tuiuti do Paraná
<https://orcid.org/0000-0003-4234-9633>

Eliane de Fátima Bordin
Universidade Tuiuti do Paraná
<https://orcid.org/0000-0003-4042-0395>

Carlos Aznar Blefari
Universidade Tuiuti do Paraná
<https://orcid.org/0000-0001-8665-5304>

Murilo Ricardo Zibetti

Universidade do Vale dos Sinos
<https://orcid.org/0000-0002-8934-5640>

Sidnei Rinaldo Priolo Filho
Universidade Tuiuti do Paraná
<https://orcid.org/0000-0003-1320-9674>

Resumo

O construto resiliência tem sido utilizado na Psicologia para compreender as formas de enfrentamento dos indivíduos diante a adversidades. O objetivo deste trabalho foi identificar os conceitos e os instrumentos utilizados para mensurar a resiliência psicológica. Dados foram retirados de estudos empíricos brasileiros, em português e publicados nos últimos nove anos. Para isso foi realizada uma revisão integrativa em três bases - SciELO, PePsic e LILACS. Após avaliação dos critérios de inclusão, foram selecionados 60 artigos. Os resultados indicam uma grande variabilidade conceitual sobre a resiliência, com características intrapsíquicas, processuais ou ecológicas. Apesar da diversidade conceitual, 43 artigos utilizaram o mesmo instrumento criado na década de 90, embora a maioria das pesquisas brasileiras utilize conceitos atuais de resiliência. A carência de instrumentos validados, e principalmente pensados para a realidade brasileira, afeta a capacidade da avaliação da resiliência no cenário nacional.

Palavras-chave: resiliência (psicologia); revisão de literatura; questionários; adaptação psicológica; instrumentos.

Abstract

The resilience construct has been used in Psychology to understand how individuals face adversity. This work aimed to identify concepts and instruments used to measure psychological resilience. Data were taken from Brazilian empirical studies in Portuguese and published in the last nine years. For this, an integrative review was carried out in three databases: SciELO, PePsic and LILACS. After evaluating the inclusion criteria, 60 articles were selected. The results show a high conceptual variability, with intrapsychic, procedural, or ecological characteristics. Despite the conceptual diversity, 43 articles used the same scale created in the 1990s, although most Brazilian research uses current concepts of resilience. The lack of validated instruments, and designed for the Brazilian reality, affects the ability to assess resilience in the national scenario.

Keywords: resilience (psychology); literature review; questionnaires; psychological adaptation; instruments.

Resumen

El constructo de resiliencia se ha utilizado en Psicología para comprender cómo los individuos enfrentan la adversidad. Este trabajo tuvo como objetivo identificar conceptos e instrumentos utilizados para medir la resiliencia psicológica. Los datos fueron tomados de estudios empíricos brasileños en portugués y publicados en los últimos nueve años. Para ello se realizó una revisión integradora en tres bases de datos: SciELO, PePsic y LILACS. Después de evaluar los criterios de inclusión, se seleccionaron 60 artículos. Los resultados muestran una alta variabilidad

conceptual, con características intrapsíquicas, procedimentales o ecológicas. A pesar de la diversidad conceptual, 43 artículos utilizaron la misma escala creada en la década de 1990, aunque la mayoría de las investigaciones brasileñas utilizan conceptos actuales de resiliencia. La falta de instrumentos validados y delineados para la realidad brasileña afecta la capacidad de evaluar la resiliencia en el escenario nacional.

Palabras clave: resiliencia (psicología); revisión de literatura; cuestionarios; adaptación psicológica; instrumentos.

Introdução

O termo resiliência para as ciências humanas utiliza nas suas definições palavras e expressões como “superação”, “adaptação e ajustamento”, “processos dinâmicos”, muitas vezes utilizadas como sinônimos (Aburn et al., 2016). Para a Psicologia, uma das definições mais aceitas atualmente, sugere que a resiliência é resultante do equilíbrio entre os fatores de proteção inerentes ao sujeito e ao meio que o circunda, recursos sociais e os fatores de risco que lhe são infringidos (Masten & Cicchetti, 2016). Nesse contexto, a resiliência é compreendida como uma interação entre os fatores de risco presentes na vida do indivíduo com fatores de proteção individuais e sociais (Garcia et al., 2009). Masten e Cicchetti (2016) apontam que a resiliência de um indivíduo depende da resistência de seus sistemas ecológicos interconectados, embarcando aspectos evolutivos, biológicos e socioculturais que aumentam a probabilidade de sobrevivência. Com isso, a resiliência englobaria mecanismos emocionais, cognitivos, sociais e culturais. Esses mecanismos seriam construídos ao longo do desenvolvimento humano à medida que desafios graduais estimulam a manifestação de recursos pessoais, mobilizam habilidades, estratégias de enfrentamento e conferem ao indivíduo uma segurança na capacidade de enfrentar problemas (Masten, 2007; Ungar, 2015). Para outros autores, como Liu et al. (2017), as estratégias de enfrentamento possibilitam uma melhor adaptação em curto e longo prazo frente às adversidades, não necessariamente promovendo bem-estar de maneira imediata. Adicionalmente, para Liu et al. (2017), diferentes sistemas atuam na resiliência, sendo essa capacidade aumentada ou diminuída a partir de diferentes contextos de desenvolvimento em um caráter dinâmico.

As pesquisas demonstram, porém, que a resiliência não é uma entidade única e estável. Ou seja, há a possibilidade da resiliência se manifestar de forma eficiente em algumas áreas da vida e vulnerável em outras (Assis et al., 2006; Masten, 2007; Lee

et al., 2012; Liu, Ein et al., 2020). Para alguns autores, a resiliência é um processo dinâmico e situacional em que se pode visualizar uma adaptação positiva frente a situações desfavoráveis, propiciando a redução de consequências negativas (Luthar et al., 2000; Riley & Masten, 2005). Outras teorias da resiliência indicam que a diminuição do impacto e das consequências de eventos aversivos dependeriam de diferentes fatores intra individuais, interpessoais e externos aos indivíduos, tornando as análises das relações entre os eventos aversivos, resiliência e as consequências, mais complexas (Liu, Reed et al., 2020; Priolo-Filho et al., 2020).

Uma revisão sistemática realizada por Windle et al. (2011) sobre os principais instrumentos utilizados na literatura internacional apontam para 19 diferentes escalas para avaliação da resiliência. As escalas com as melhores propriedades psicométricas foram a Escala de Resiliência Connor-Davidson (Connor & Davidson, 2003) e a Escala Breve de Resiliência (Smith et al., 2008), ambas desenvolvidas nos Estados Unidos, e a Escala de Resiliência para Adultos (Friborg et al., 2003), desenvolvida na Noruega. Contudo, os autores da revisão reportam a necessidade de mais pesquisas de confirmação de validade dessas escalas, pois entre as outras avaliadas, muitas não apresentavam adequação conceitual e teórica com a resiliência, ou ainda, não passaram por processos de adaptação cultural para outros países e contextos. Conclusão semelhante é observada por Baasch et al. (2015) sobre as características das escalas de resiliência.

Objetivos

A revisão de Windle et al. (2011) não localizou nenhuma escala criada especificamente para o contexto brasileiro. Ou seja, não sabemos como a resiliência tem sido definida, investigada e avaliada na realidade nacional. Dessa forma, este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão integrativa de pesquisas nacionais da área da Psicologia que utilizaram o conceito de resiliência, buscando compreender as diferentes definições utilizadas, instrumentos para avaliação e a relação entre esses elementos.

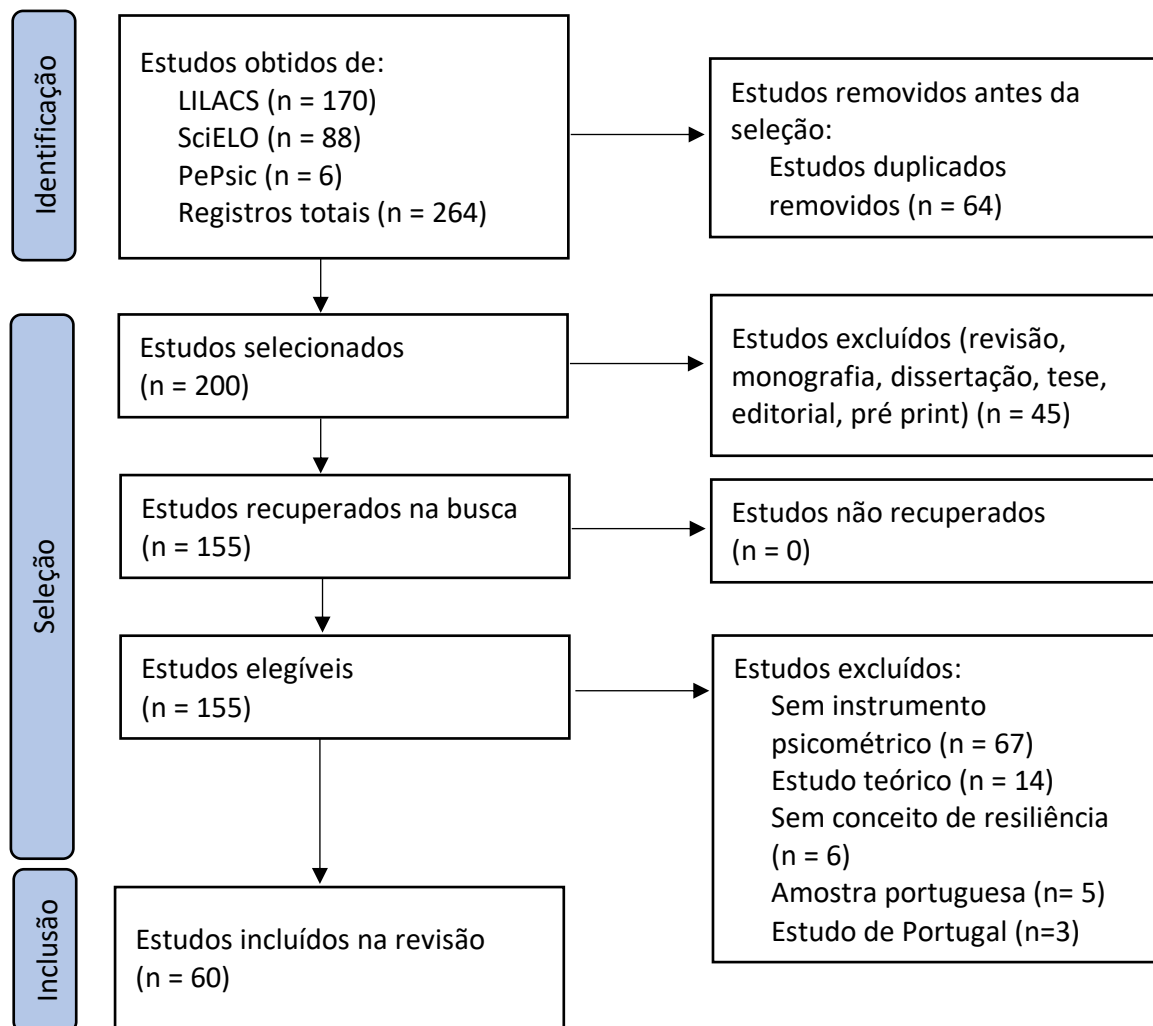
Método

Foi realizada uma revisão integrativa da literatura com o objetivo de avaliar a conceitualização do construto resiliência e dos instrumentos utilizados na avaliação deste em produções científicas nacionais. Para tanto, o termo chave “resiliência psicológica” foi pesquisado nas bases de dados SciELO, PePsic e LILACS. Foram selecionados artigos escritos em português e publicados entre 2013 e 2021. Como critérios de inclusão, foram selecionados (1) artigos que apresentassem o conceito de resiliência na fundamentação da pesquisa; e (2) artigos empíricos que utilizaram instrumentos psicométricos para mensurar a resiliência. Foram excluídos da análise artigos com amostra não brasileiras ou artigos que não utilizam instrumentos de mensuração da resiliência.

Resultados

A Figura 1 apresenta o diagrama PRISMA (Page et al., 2021), de seleção dos artigos nas três bases utilizadas. Foram recuperados 264 registros e após os processos de seleção descritos no diagrama PRISMA, foram selecionados 60 artigos.

Figura 1. Diagrama apresentando o processo de identificação, seleção e inclusão dos artigos.



Os artigos selecionados foram analisados e as seguintes variáveis obtidas: autores, amostra e instrumentos utilizados. A Tabela 1 apresenta essas informações, com destaque para as pesquisas no contexto de saúde, seja com trabalhadores da área, seja com pessoas envolvidas no processo de saúde-doença. Observam-se também a insipiência de tópicos importantes na temática da resiliência, como pesquisas relacionadas a aspectos da violência, seja ela na infância ou contra o parceiro íntimo.

Observou-se a utilização dos seguintes instrumentos nas pesquisas analisadas: (1) Inventário de Resiliência (IR) - (Benevides-Pereira, 2007); (2) Escala de resiliência (Karoly & Ruehlman, 2006); (3) Escala de resiliência Connor-Davidson-10 (CD RISC-10); (4) Escala de Resiliência para Adultos (RSA) (Hjemdal et al., 2001); (5) Resiliency Scales for Children and Adolescents (RSCA) (Prince-Embury, 2007); (6) Marcadores de

Resiliência Infantil (MRI) (Oliveira & Nakano, 2020); (7) Escala de Resistência à Mudança (RAM) (Vincenzi et al., 2016); (8) Escala de Resiliência (RS-14) (Wagnild, 2010); (9) Escala de Resiliência (ER – Brasil) (Perim et al., 2015) e (10) Escala de Resiliência desenvolvida por Wagnild e Young (1993), sendo a mais utilizada a adaptada ao contexto brasileiro por Pesce et al. (2005). Observa-se que 72,9% dos estudos utilizaram a escala de Wagnild & Young, seguidos pela Escala de resiliência Connor-Davidson (8,5%) e pela Escala de Resiliência para Adultos (RSA) (6,8%).

Além dos instrumentos utilizados, nota-se variedade entre as definições utilizadas nas pesquisas, com ênfase nos aspectos relacionados a adversidades ou experiências desagradáveis durante o desenvolvimento. Outro aspecto a ser destacado é que algumas das definições tratam da resiliência como construto eminentemente psicológico, enquanto outros autores apontam uma série de características físicas, psicológicas, comportamentais, sociais e culturais que os indivíduos podem apresentar em sua história. Algumas definições abordam aspectos de rede de apoio e suporte comunitário, bem como maior destaque para aspectos sociais da construção, manutenção e engajamento resiliente.

Tabela 1. Artigos encontrados na revisão por título, autor, amostra, instrumento utilizado e conceito.

#	Título	Autor (ano)	Amostra	Instrumento	Conceito
1	Personalidade e Resiliência como Proteção contra o Burnout em Médicos Residentes	Rodrigues et al. (2013)	121 residentes	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Resulta das crenças do indivíduo, podendo conduzi-lo à adaptação saudável diante das adversidades (Barbosa, 2006).
2	Avaliação do grau de resiliência de adolescentes com hanseníase	Fernandes et al. (2013)	19 adolescentes de 10 a 15 anos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Processo dinâmico, que depende da interação de características pessoais e intrapsíquicas do ser humano com os aspectos do meio em que vive. Pode ser considerada como uma resposta individual frente ao risco, não estando relacionada com a eliminação do fator estressor, mas, sobretudo, a uma readaptação frente a ele (Pesce et al. 2004).
3	Perfil sócio demográfico e econômico dos sobreviventes ao câncer segundo o grau de resiliência	Andrade et al. (2013)	264 sobreviventes do câncer	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Habilidade dos indivíduos em enfrentar e responder de forma positiva às experiências que possuem elevado potencial de risco para sua saúde e desenvolvimento (Silva et al., 2005).
4	Identidade do homem resiliente no contexto de adoecer por câncer de próstata: uma perspectiva cultural	Pinto et al. (2014)	2 sobreviventes de câncer de próstata	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade de lidar com as adversidades de forma positiva, não eliminando o problema, mas ressignificando-o (Yunes, 2003).
5	Aspectos psicológicos em idosas praticantes e não praticantes de exercício físico	Balbé et al. (2014)	164 idosas	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Adaptar as mudanças inerentes ao envelhecimento.
6	Escala de Resiliência para Adultos: aplicação entre servidores públicos	Carvalho et al. (2014)	249 participantes, sendo 49,8% docentes e 48,1% servidores técnico- administrativos da Universidade	Escala de Resiliência para Adultos (Resilience Scale for Adults – RSA) Hjemdal et al. (2009)	Não se refere somente a habilidades psicológicas e disposicionais dos indivíduos, mas também à capacidade dos mesmos de utilizar sistemas de suporte familiar e social para lidar melhor com situações adversas e com o estresse, rumo a uma adaptação bem sucedida. Portanto, é também processual e construída nas experiências de vida, de modo que pode ser entendida como uma capacidade dinâmica do sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as

7	Fatores preditivos do uso de álcool e tabaco em adolescentes	Alvarez-Aguirre et al. (2014)	575 adolescentes	Wagnild e Young (1993)	circunstâncias, lidar com a adversidade, não sucumbindo a ela (Junqueira & Deslandes, 2003). Capacidade de enfrentar o contornar diversas dificuldades no seu contexto (Jones e Magee, 2014; Wingo et al., 2014; Musitu et al., 2007; Armendáriz et al., 2008).
8	Resiliência psicológica: fator de proteção para idosos no contexto ambulatorial	Fontes et al. (2015)	59 pacientes de 69 a 91 anos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Fator de proteção em relação às desordens psicóticas (Rutter, 2007).
9	Associação entre resiliência e qualidade de vida relacionada à saúde bucal em idosos	Teixeira et al. (2015)	498 idosos	Wagnild e Young (1993)	Intimamente relacionada à forma como os indivíduos se portam diante das adversidades e a sua capacidade de voltar ao “normal” apesar delas (Rutter, 1987).
10	Estresse Ocupacional e Resiliência entre Profissionais de Saúde	Sousa & Araújo (2015)	92 profissionais da área da saúde	Inventário de Resiliência (IR) - (Benevides-Pereira, 2007)	Mecanismos emocionais, cognitivos e socioculturais que são construídos no decorrer da existência humana, a partir de desafios graduais que reforçam atributos pessoais, estratégias de enfrentamento e habilidades. Pode estar presente apenas em algumas esferas da vida do indivíduo (Assis et al., 2006; Lee et al., 2012; Masten, 2007; Rutter, 2006).
11	Resiliência em crianças acolhidas: suas percepções sobre as adversidades	Conzatti & Mosmann (2015)	10 crianças de 6 a 12 anos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Equilíbrio entre os fatores de risco aos quais o indivíduo foi ou é submetido e os fatores de proteção, tanto sociais (externos) quanto pessoais (internos) (Pinheiro, 2004).
12	Análise fatorial confirmatória da versão Brasileira da Escala de Resiliência (ER - Brasil)	Perim et al. (2015)	359 estudantes de ambos os sexos com idade entre 12 e 20 anos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade de “encontrar forças para transformar intempéries em perspectivas” (Assis et al., 2006).
13	O processo de resiliência do jovem aprendiz e as estratégias de conciliação estudo-trabalho	Oliveira e Godoy (2015)	29 jovens aprendizes, com idades entre 15 e 21 anos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Apresenta-se três modelos para compreensão da resiliência: compensatório, protetor e de desafios. O modelo compensatório se refere a uma compensação entre os fatores de proteção e de risco, na qual os fatores de proteção neutralizam ou agem em oposição aos de risco. Quando as habilidades e recursos do indivíduo moderam ou

					reduzem os fatores de risco há o modelo protetor de resiliência. Já no terceiro modelo, o de desafios, os fatores de risco e de proteção são a mesma variável, sendo que, a possibilidade de se tornarem fatores de risco ou de proteção, depende do nível de exposição aos riscos (Fergus & Zimmerman, 2005).
14	Resiliência, suporte social e prática esportiva: relações e possibilidades de intervenção social	Perim et al. (2015)	1052 alunos com idades entre os 12 e 20 anos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Processo que possibilita transformar uma situação traumática e dolorosa numa possibilidade de aprendizagem e de crescimento, ou, ainda melhor, o processo que facilita o combate da adversidade percebida e causadora de danos, possibilitando ao sujeito sair dela fortalecido (Grotberg, 2001).
15	Habilidades sociais e resiliência em futuros professores	Pasqualotto e Löhr (2015)	86 acadêmicos que cursavam o último ano de licenciaturas	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade de passar por situações adversas e superá-las, de forma que a experiência vivenciada gere crescimento pessoal (Masten, 2014).
16	Perfil de idosas resilientes que participam de Centros de Convivência no Vale do Paraíba	Silva & Araújo (2015)	18 idosas participantes de Centros de Convivência	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade humana de enfrentar e superar as adversidades, proporcionando ao indivíduo ser modificado por esses fatores potencialmente estressores, de tal forma que o mesmo se adapte a tais experiências traumáticas e/ou estressantes (Ferreira et al., 2012).
17	Resiliência em Pacientes Portadores de Cardiopatia Isquêmica	Lemos et al. (2016)	133 pacientes entre 35 e 65 anos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade do indivíduo de enfrentar adversidades sem sucumbir a elas, transcendendo o impacto negativo dos eventos estressores do curso da vida (Edward, 2013).
18	Estadiamento e grau de resiliência do sobrevivente ao câncer de mama	Genz et al. (2016)	112 sobreviventes ao câncer de mama	Versão adaptada pelo autor da Escala de Resiliência de Wagnild e Young	Gerada da habilidade de lidar positivamente com as adversidades em busca da superação, utilizando recursos adaptativos na construção positiva para enfrentamento da realidade (Oliveira et al., 2008).
19	Fatores sócio demográficos e condicionantes de saúde associados à resiliência de pessoas com doenças crônicas: um estudo transversal	Böell et al. (2016)	603 pessoas com diagnóstico de doença renal crônica	Escala de resiliência Connor-Davidson- (CD-RISC) (2003)	Capacidade da pessoa de lidar com a doença, aceitando as limitações impostas pela condição, com a devida adesão ao tratamento, buscando adaptar-se a situação e viver de forma positiva (Bianchini & Dell'Aglio, 2006).

20	O impacto das percepções de justiça organizacional e da resiliência sobre o engajamento no trabalho	Oliveira e Ferreira (2016)	435 trabalhadores	Escala de Resiliência CD-Risc 10 de Connor-Davidson (2003) em versão reduzida por Campbell-Sills e Stein (2007) em validação brasileira por Lopes e Martins (2011).	Processo enfatiza que ela é aprendida na interação recíproca dos seres humanos com a adversidade e na adaptação positiva daí resultante. Considera-se, assim, que o processo de resiliência ocorre quando o indivíduo não demonstra sinais de desajuste, apesar da exposição à adversidade, revelando, assim, uma adaptação positiva ou resiliente (Melillo & Ojeda, 2005).
21	Escala de Resistência à Mudança (RAM): Construção, Evidências Psicométricas e Versão Reduzida	Vincenzi et al. (2016)	338 respondentes	Escala de Resistência à Mudança (RAM)	Resistir à pressão de situações adversas, como choque, estresse, etc., sem entrar em surto psicológico. É uma junção de fatores que proporcionam ao ser humano condições para enfrentar e superar problemas e adversidades em qualquer que seja a situação (Kanter, 1985; Judge et al., 1999; Wanberg & Banas, 2000; Zaltman & Duncan, 1977).
22	Cultura organizacional de um hospital psiquiátrico e resiliência dos trabalhadores de enfermagem	Rocha et al. (2016)	233 trabalhadores de enfermagem	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade que permite ao indivíduo ou grupo manter-se bem diante de situações desfavoráveis, (Canadian Mental Health Association, 2014) como uma reconfiguração interna do sujeito, de sua própria percepção e de sua atitude diante de adversidades ou traumas (Barlach et al., 2008).
23	Resiliência em cuidadores familiares de idosos com doença de Alzheimer	Manzini e Vale (2016)	66 cuidadores	Wagnild e Young (1993)	Capacidade de todo ser humano de adaptar-se recorrendo a recursos internos e externos, a resiliência pode ser compreendida como uma manutenção de um processo de desenvolvimento, apesar das condições difíceis, sendo algo sistemático, dinâmico e complexo, resultando da interação entre o indivíduo e o meio (Reppold et al., 2012).
24	Nível de resiliência em idosas praticantes e não praticantes de exercício físico	Mazo et al. (2016)	164 idosas	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade humana de enfrentar adversidades, adaptar-se e transformar situações de risco e de vulnerabilidade em potencialidades. Torna-se um mecanismo de superação das experiências traumáticas e estressantes, promovendo novas

					oportunidades que resultarão em mudanças positivas e desenvolvimento saudável dos indivíduos (Ferreira et al., 2012; Lamond et al., 2008; Pesce et al., 2005).
25	Perfil de resiliência em pacientes com dor crônica	Souza et al. (2017)	414 pacientes com dor crônica	Versão adaptada pelo autor da Escala de Resiliência (Karoly & Ruehlman, 2006)	Capacidade de se adaptar às circunstâncias estressantes, sendo associada à diminuição da percepção do estresse. A resiliência previne o estresse emocional, sendo associada a menores níveis de depressão e ansiedade (Luthar & Brown, 2007).
26	Resiliência da equipe de saúde no cuidado a pessoas com transtornos mentais em um hospital psiquiátrico	Brolese et al. (2017)	40 profissionais da saúde	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Potencial de uma pessoa ou grupo de pessoas de se construir ou se reconstruir positivamente mesmo em um ambiente adverso e desfavorável (Arrogante, 2015).
27	Validade discriminante entre regulação emocional e resiliência	Castro et al. (2017)	169 participantes	Escala de Resiliência para Adultos (RSA), versão adaptada para o português brasileiro por Hjemdal et al. (2009)	Resposta positiva a fatores de risco em que há um processo adaptativo. Esses fatores estão vinculados a todo tipo de evento negativo na vida de uma pessoa e aumentam as chances do aparecimento de problemas físicos, psicológicos, comportamentais e sociais (Koller et al., 2009).
28	Resiliência entre mulheres idosas e sua associação com o bem-estar espiritual e o apoio social	Garces et al. (2017)	241 mulheres	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Três componentes fundamentais que são a adversidade (a noção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano); a adaptação positiva (ou superação da adversidade) e o processo (que considera a dinâmica entre mecanismos emocionais, cognitivos e socioculturais que influem no desenvolvimento humano) (Melillo & Ojeda, 2006).
29	A resiliência na trajetória de clientes no pós-transplante de células-tronco hematopoiéticas	Freitas et al. (2018)	15 clientes no pós-transplante de células tronco hematopoiéticas	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	"Trata-se também de uma qualidade, e de uma capacidade das pessoas, individualmente ou em grupo, resistirem a situações adversas sem perderem o seu equilíbrio inicial" (Sória et al., 2009).

30	Perfil da resiliência em indivíduos com amputação de membro inferior	Paz et al. (2018)	53 indivíduos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Considerada um processo dinâmico, investiga a capacidade de um indivíduo, família ou mesmo uma comunidade de responder de forma positiva/saudável a uma ou a várias situações conflitantes (World Health Organization, 2017; Sociedade Brasileira de Resiliência, n.d.).
31	Comportamentos sexuais, Resiliência e Conhecimento sobre HIV/AIDS: Uma análise psicossocial	Araujo et al. (2018)	600 pessoas adultas	CD-RISC adaptada por Solano et al. (2016)	Resposta global positiva a uma determinada situação adversa, sendo essa resposta resultante da dinâmica entre fatores de risco e de proteção (Rutter, 1991).
32	Resiliência e capacidade funcional de pessoas idosas com diabetes mellitus	Frazão et al. (2018)	96 idosos hospitalizados por complicação do diabetes mellitus	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Classificada em três dimensões: a primeira é denominada de resolução de ações e valores, que está relacionada à energia, persistência, disciplina e à concepção de valores que dão sentido à vida, como a amizade, a realização pessoal, a satisfação de vida. A segunda dimensão é a de independência e determinação, que se caracteriza pela capacidade de resolução de situações difíceis, saber lidar com várias situações ao mesmo tempo; e a terceira é a autoconfiança e capacidade de adaptação a situações, ou seja, confiar que pode resolver os problemas, bem como realizar ações contra sua vontade e manutenção do interesse em coisas que considera importantes (Pesce et al., 2005).
33	Consumo/dependência de álcool e resiliência na pessoa idosa com hipertensão arterial sistêmica	Dullius et al. (2018)	300 idosos com hipertensão arterial sistêmica	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Desenvolvimento saudável e positivo do indivíduo, influenciado por processos sociais e intrapsíquicos, mesmo vivenciando experiências desfavoráveis. Interação entre eventos adversos da vida e fatores de proteção internos e externos de cada indivíduo (Kashdan et al., 2010).
34	Bem-estar subjetivo e resiliência em pessoas com diabetes mellitus	M. P. L. Coutinho et al. (2019)	104 pessoas, com idades entre 19 e 79 anos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Processo dinâmico enquanto capacidade da pessoa de resistir e superar as adversidades, considerando os fatores intrínsecos e extrínsecos a ela (Pereira et al., 2016).

35	Resiliência e capacidade para o trabalho em trabalhadores de enfermagem	Silva et al. (2019)	375 trabalhadores de enfermagem	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	“Capacidade humana para enfrentar, vencer e sair fortalecido ou transformado por experiências de adversidade” (Grotberg, 2005).
36	Estresse e Características Resilientes em Alunos com Deficiência e TFE na UFPA	Pereira et al. (2019)	50 estudantes com deficiência e com transtornos funcionais específicos da graduação	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento saudável do indivíduo, mesmo tendo este vivenciado experiências desfavoráveis. A complexidade de constructo envolve a interação entre eventos de vida adversos e fatores de proteção, internos e externos ao indivíduo (Pesce et al., 2005).
37	Resiliência e autocuidado de pessoas idosas com diabetes mellitus	Vicente et al. (2019)	96 idosos hospitalizados por complicação do diabetes mellitus	Escala de Resiliência (ER – Brasil) (Perim et al., 2015)	Processo que aborda o desenvolvimento de recursos e habilidade para resistir a respostas fisiológicas negativas diante de situações traumáticas, sejam eventos repentinos como desastre ou mesmo mudanças desencadeadas por condições crônicas, em que o agente estressor estará presente ao longo de toda a vida (Ye et al., 2016).
38	A capacidade de resiliência e suporte social em idosos urbanos	Junior et al., (2019)	86 idosos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade que o indivíduo tem de enfrentar as adversidades da vida e de poder responder exitosamente com processos adaptativos que são exigidos nas situações de fatores potencialmente estressores (Edwards et al., 2012; Noronha et al., 2009; Vieira, 2010; Wagnild e Young, 1993; Yunes, 2003).
39	Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência	Hildebrand (2019)	166 díades formadas por crianças e adolescentes com seus respectivos responsáveis	Resiliency Scales for Children and Adolescents (RSCA) de Prince-Embury, adaptada por Barbosa (2008)	Fenômeno de caráter transicional, mediado pelas capacidades individuais e aliado ao contexto sócio-histórico-cultural do sujeito, destacando-se a importância do compartilhamento e da ressignificação de experiências (Reppold et al., 2012; Noronha et al., 2009).
40	Transtornos mentais comuns e resiliência de pessoas em situação de rua	Patricio et al. (2019)	49 pessoas em situação de rua	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade de recuperação diante de situações adversas da vida (Goodhew et al., 2016).

41	Stress, resiliência e apoio social em indivíduos com hipertensão	Malagris (2019)	100 indivíduos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Dinâmico e interativo e se refere a uma resposta psicológica positiva mesmo frente a experiências de sério risco (Rutter, 2013).
42	Resiliência, qualidade de vida e sintomas depressivos entre idosos em tratamento ambulatorial	Lima et al. (2019)	148 idosos	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade de enfrentamento, adaptação e respostas positivas frente às mudanças ocorridas com o avançar da idade (Fontes & Neri, 2015).
43	Avaliação do perfil da resiliência e fatores associados em idosos comunitários	Ferreira et al. (2020)	159 idosos	Wagnild e Young, traduzida e validada por Oliveira & Machado (2011) para o Português de Portugal	Capacidade de superar situações estressoras que podem ser decorrentes do processo de envelhecimento é conhecida como resiliência, que é uma característica positiva da personalidade, que regula os efeitos negativos do estresse e promove uma adaptação aos mesmos (Zhong et al., 2016).
44	Resiliência de pessoas com Diabetes Mellitus após cirurgia de amputação	Pena et al. (2020)	80 pessoas que tiveram amputação de membros, por conta de Diabetes Mellitus	Escala de Resiliência para Adultos (RSA), versão adaptada para o português brasileiro por Hjemdal et al. (2015)	Não trata apenas de respostas adaptativas ou criativas frente às adversidades, mas de recursos extraídos do contexto que criam oportunidades de desenvolvimento e formam identidades fortalecidas (Pessoa & Coimbra, 2016).
45	Associação entre resiliência, qualidade de vida e uso de substâncias em emergência psiquiátrica: estudo transversal	Beretta et al. (2020)	18 profissionais de saúde que trabalham na emergência de hospital	Escala de resiliência de Wagnild e Young (Sem referência da versão/adaptação utilizada)	Habilidade de caráter multifatorial que permite ressignificar situações potencialmente de risco, resultando em desfechos mais positivos (Hornor, 2017).
46	Resiliência: uma análise a partir das características sociodemográficas da população brasileira	Melo et al. (2020)	2038 participantes	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade ou até mesmo uma habilidade humana de adequar-se às circunstâncias de crise nos âmbitos psicológico e biológico, aprimorando-se habilidades intrapsíquicas, vinculadas ao meio afetivo e social e permitindo associar-se uma formulação psíquica congruente à inserção social (Laranjeira, 2007).
47	Espiritualidade e resiliência na atenção domiciliar	Zandavalli et al. (2020)	44 pacientes pertencentes a Atenção Domiciliar	Escala de Resiliência (RS-14) validada para o português por Damásio et al. (2011)	Capacidade de adaptar-se de forma bem sucedida e recuperar-se após ter experienciado severa adversidade durante a vida (Rutten, 2013).
48	Estresse e resiliência em discentes de enfermagem de duas universidades públicas paulistas	Souza et al. (2020)	117 discentes de enfermagem	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Habilidade de se recuperar das adversidades e se adaptar positivamente a situações da vida (Rehmani et al., 2018; Wagnild & Young, 1993).

49	Fatores sociodemográficos e acadêmicos relacionados à resiliência de graduandos da área da saúde	Filho et al. (2020)	138 estudantes da área de saúde	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade de sobrepujar a uma situação não se prendendo a mesma, e em seguida voltar a se erguer e não se entregar facilmente (Allan et al., 2014).
50	Autoimagem e resiliência de pacientes oncológicos	Lins et al. (2020)	60 pacientes de um Hospital de Grande Porte	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Atributo de personalidade que, ativado e desenvolvido, possibilitaria ao ser humano superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolvendo um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente (Almeida et al., 2012; Rodrigues & Polidori, 2012).
51	Fatores relacionados à resiliência em trabalhadores de enfermagem no contexto hospitalar	Silva et al. (2020)	375 trabalhadores de enfermagem	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Não preserva o indivíduo das adversidades, do sofrimento, do estresse, tornando-o invulnerável (um dos precursores do conceito), inatingível, mas o torna capaz de enfrentar, de superar, de se transformar e aprender (Brandao et al. 2011).
52	Estresse psicossocial e resiliência: um estudo em profissionais da enfermagem	Macedo et al. (2020)	39 profissionais da enfermagem	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Habilidade inconsciente do indivíduo em se adaptar ou se reconstruir a partir da adversidade denomina-se resiliência. Sendo assim, a resiliência constitui uma característica dinâmica entre a habilidade do indivíduo diante de um conflito, num determinado contexto e deve ser considerada quando se quer conhecer a relação entre sobrecarga de trabalho e estresse psicossocial (Lee et al., 2012).
53	Resiliência, capacidade funcional e apoio social de pessoas com sequelas de acidente vascular encefálico	Lima et al. (2020)	108 indivíduos acometidos por AVE com alguma sequela	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Habilidade de um indivíduo se adaptar de maneira positiva frente às adversidades, traumas, tragédias ou ameaças (Fontes & Neri, 2015).
54	Resiliência em estudantes de nível técnico de enfermagem e radiologia	Filho et al. (2020)	250 estudantes da área de saúde	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade que mesmo diante de situações estressoras e complexas, a pessoa consegue gerenciar e ter menos consequências negativas (Silva et al., 2019).

55	Resiliência e Autocuidado em Pessoas com Diabetes Mellitus	Boell et al. (2020)	362 pessoas com diabetes	A escala de resiliência CD-RISC BR adaptada por Solano et al. (2016)	Capacidade de superar situações adversas, saindo fortalecido ou transformado das mesmas (Rutter, 2012).
56	Desenvolvimento e investigação de evidências de validade para o Instrumento Marcadores de Resiliência Infantil	Oliveira & Nakano (2020)	20 crianças	Marcadores de Resiliência Infantil (MRI) (Oliveira & Nakano, 2020)	Fenômeno psicológico, presente, indistintamente, nos indivíduos e em seus sistemas relacionais. O objetivo final do processo resiliente seria a apresentação de um desfecho positivo, ou ainda, da adaptação positiva, ocorrendo, sempre que um indivíduo se encontra diante de uma situação adversa, podendo ser real ou percebida (Yunes, 2011; Masten, 2014, 2018; Reppold et al., 2012).
57	Rede de correlações entre qualidade de vida, resiliência e desequilíbrio esforço-recompensa em policiais militares	Tavares et al. (2021)	258 policiais militares	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Adaptação criativa e individual frente aos riscos e adversidades do cotidiano do trabalho (Britt et al., 2016).
58	Associação e correlação entre estresse, dor musculoesquelética e resiliência em enfermeiros ante a avaliação de manutenção de acreditação hospitalar	Rhoden et al. (2021)	53 enfermeiros	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Capacidade da pessoa lidar com problemas, adaptar-se às mudanças, resistir às pressões e superar adversidades, sem sofrer algum dano psicológico, emocional ou físico com o uso de estratégias de enfrentamento (Oliveira & Nakano, 2018).
59	Resiliência de cuidadores familiares de crianças e adolescentes em tratamento de neoplasias e fatores associados	Silva et al. (2021)	62 cuidadores familiares	CD-RISC-10-BR, adaptado por Lopes e Martins, 2011.	Qualidades pessoais que permitem a um indivíduo prosperar em face da adversidade. Ela é entendida como o conjunto de processos dinâmicos, psíquicos e sociais que se refere à habilidade do ser humano em superar acontecimentos estressantes da vida (Cordeiro, 2018; Connor & Davidson, 2003; Gomes, 2015).
60	Emoções positivas e resiliência na perspectiva de adolescentes com câncer	Borges-de-Mello-dos-Santos e Donato-Oliva (2021)	10 adolescentes, entre 12 e 18 anos com câncer em tratamento	Wagnild e Young, adaptada por Pesce et al. (2005)	Elemento que atua como mediador entre o sofrimento e o alcance da qualidade de vida em adolescentes com câncer (Braga et al., 2019).

Discussão

Essa pesquisa teve o objetivo de realizar uma revisão integrativa da definição de resiliência, bem como identificar os instrumentos psicométricos utilizados para a sua avaliação em artigos publicados no Brasil. Foi realizada uma revisão nas bases PePsic, SciELO e LILACS e obtidos 60 estudos publicados no Brasil que obedeceram aos critérios de inclusão e exclusão, publicados entre 2013 e 2021. Destaca-se entre os artigos selecionados a utilização de escalas adaptadas para o contexto nacional e a ausência de instrumentos totalmente brasileiros, que fossem criados considerando as características culturais do país (Borsa et al., 2012). Adicionalmente, observa-se múltiplas definições de resiliência, em alguns casos, não compatíveis com as escolhas de instrumentos realizadas pelos autores. Com isso, os resultados de pesquisas nacionais devem ser considerados com cautela, seja pela utilização de instrumentos criados a partir de conceitos em desuso da resiliência, ou pela ausência de congruência entre as definições dos autores e dos instrumentos quanto ao fenômeno da resiliência.

Este estudo demonstrou que são utilizados, no Brasil, diversos instrumentos para a avaliação de resiliência, embora seja evidente a preferência na maioria dos artigos estudados pela Escala de Resiliência Wagnild e Young (1993) (α de Cronbach = 0,91) adaptada ao contexto brasileiro por Pesce et al. (2005) com boa confiabilidade (α de Cronbach = 0,80). Também são utilizados o Inventário de Resiliência (Benevides-Pereira, 2007), a escala de Resiliência (Karoly & Ruehlman, 2006) (α de Cronbach = 0,89), a escala de resiliência Connor-Davidson-10 (CD RISC 10) (Campbell-Sills & Stein, 2007) (α de Cronbach = 0,85), a Escala de Resiliência para Adultos (RSA) (Hjemdal et al., 2001) (α de Cronbach = 0,88), a Resiliency Scales for Children and Adolescents (RSCA) (Prince-Embury, 2007) (α de Cronbach = 0,94), o instrumento Marcadores de Resiliência Infantil (MRI) (Oliveira & Nakano, 2020) (Instrumento em desenvolvimento), a Escala de Resistência à Mudança (RAM) (Vincenzi et al., 2016) (α de Cronbach = 0,94) e a Escala de Resiliência (RS-14) (Wagnild, 2010) (α de Cronbach = 0,93). Quanto às evidências de adequação psicométrica, os parâmetros avaliados demonstraram que a maioria dos estudos incluídos apresentou boas evidências de validade e fidedignidade para os instrumentos. Como a maior parte das pesquisas utiliza um instrumento fundado em premissas antigas sobre a resiliência, é possível que as pesquisas nacionais não

consigam capturar de forma aprofundada e atual os diferentes aspectos da resiliência. Adicionalmente, diferentes definições (Liu, Reed et al., 2020; Masten & Cicchetti, 2016) indicam a relevância dos aspectos sociais para a identificação da resiliência, é urgente a criação e validação de escalas nacionais que consigam mensurar de forma consistente os aspectos culturais da resiliência brasileira.

Comparativamente à revisão conduzida por Windle et al. (2011), observou-se que instrumentos mais utilizados e de maior qualidade utilizada por pesquisadores internacionais não foi utilizado por nenhum dos artigos obtidos na presente revisão, a saber a Escala Breve de Resiliência (Smith et al., 2008) e a Escala de Resiliência para Adultos (Friborg et al., 2003). A ausência de instrumentos que possuam elevada qualidade afeta comparações entre os dados de pesquisa obtidos no Brasil com pesquisas realizadas no exterior. Importante destacar que as definições utilizadas nas escalas de melhor qualidade psicométrica analisadas por Windle et al. (2011) somente foram utilizadas por uma pesquisa que utilizou da definição de Connor-Davidson (2003). Em uma revisão dos instrumentos de resiliência da literatura Baasch et al. (2015) verificou-se que apesar da resiliência não ser estática ou estável no desenvolvimento dos indivíduos, muitas das escalas tratam o construto dessa maneira equivocada. Isto é, é urgente um esforço para maior coerência teórica entre as diferentes definições e instrumentos coletados na área psicológica que tratem da resiliência.

Com relação ao conceito de resiliência, este estudo demonstra que mesmo diante do mesmo instrumental técnico utilizado, diferentes concepções são evidenciadas, conforme a Tabela 1 e Figura 1. A resiliência é um construto multifatorial, tornando-se complexa a tarefa de se estabelecer um perfil resiliente universal. Como apontado por Ungar (2015), a resiliência possui peculiaridades culturais, situacionais, religiosas, sociais, familiares e intrínsecas ao indivíduo. Compreensão semelhante apresenta Liu et al. (2017) e Liu, Reed et al. (2020), indicando que a mensuração da resiliência deve ser compatível com uma teoria abrangente e dinâmica desse fenômeno, considerando os diferentes fatores que constituem essa gama de comportamentos, emoções e cognições. Essas visões atuais são contrastantes com as pesquisas iniciais sobre o tema, que apontavam a resiliência como uma característica inerente de alguns indivíduos, que os tornavam invulneráveis (Masten, 2007; Yunes, 2003), ou ainda, com definições que tratavam a resiliência como uma característica estável da personalidade de um indivíduo

(Masten et al., 2021). Entretanto, muitas definições utilizadas nas pesquisas selecionadas da revisão não apontaram de forma clara para o papel específico da cultura na construção da resiliência.

Na literatura internacional, autores têm focado na relação entre resiliência e traumas, como a violência na infância e a violência contra o parceiro íntimo (Wekerle, 2013), e doenças crônicas ou potencialmente fatais como o câncer e a hanseníase (Böel et al., 2016; Genz et al., 2016; Pinto et al., 2014). Em ambos os casos, a resiliência é percebida como a capacidade dos indivíduos de lidar com a doença ou com o trauma, aceitando eventuais limitações decorrentes desses eventos, aderindo ao tratamento ou intervenção e auxiliando o indivíduo a identificar os aspectos positivos em seu comportamento e contexto após a experiência traumática. Entretanto, as definições internacionais mais aceitas consideram também que a resiliência, nestes casos, deve também ser uma habilidade a ser ensinada, ou seja, ela não é uma característica inerente às pessoas, mas algo que pode ser promovido, incentivando de acordo com características pessoais, sociais e da cultura em que a pessoa está inserida (Masten & Cicchetti, 2016; Liu, Ein et al., 2020). Um exemplo é o trabalho de Wekerle et al. (2018) que apresenta diversas estratégias para fortalecimento da resiliência em crianças vítimas de violência com o uso de estratégias individuais, familiares e sociais para maior suporte e engajamento em comportamentos resilientes.

Considerações finais

A partir da revisão das pesquisas sobre resiliência realizadas no Brasil pode-se pensar em uma agenda de pesquisa para nossa realidade. Primeiramente, pesquisadores e profissionais devem se engajar na criação de instrumentos nacionais e que consigam captar as diferentes nuances comportamentais da resiliência no contexto brasileiro. Segundo, verificar estratégias de promoção da resiliência para diferentes públicos, considerando características da história de vida, contexto cultural e social dos indivíduos, bem como identificar características resilientes da população brasileira que possam sofrer impacto positivo de intervenções psicológicas. Por fim, é fundamental que pesquisas

futuras consigam captar diferenças regionais em crenças e engajamento comportamental da resiliência considerando diferentes características culturais de um país continental.

Essa pesquisa apresenta algumas limitações, como, por exemplo, a não utilização de bases internacionais ou de artigos com amostras brasileiras publicados em outros idiomas. Outra possível limitação seria a não inserção de bases de dados de áreas correlatas à Psicologia, que poderiam apresentar uma maior abrangência de pesquisas sobre a temática. Por fim, as pesquisas nacionais sobre resiliência têm a possibilidade de gerar impacto positivo frente às diferentes adversidades enfrentadas pela população brasileira. Esperamos que pesquisas e intervenções futuras sobre a resiliência considerem aprofundar o conhecimento sobre esse construto e produzir mudanças sociais positivas na realidade brasileira.

Referências

- Aburn, G., Gott, M., & Hoare, K. (2016). What is resilience? An integrative review of the empirical literature. *Journal of Advanced Nursing*, 72(5), 980-1000. <https://doi.org/f8mtn4>
- Assis, S. G., Pesce, R. P., & Avanci, J. Q. (2006). *Resiliência: Enfatizando a proteção dos adolescentes*. Artes Médicas.
- Baasch, D., Amorim, L., & Cruz, R. M. (2015). Qualidades psicométricas de instrumentos de resiliência para adultos. *Revista Borges*, 5(1), 38-53.
- Benevides-Pereira, A. M. T. (2012). IR – Inventário de resiliência. [S.l.]: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Estresse e Síndrome de Burnout, 2007. Retirado em 10 de outubro de 2018 de <http://gepeb.wordpress.com/ir/>
- Böell, J. E. W., Silva, D. M. G. V. D., & Hegadoren, K. M. (2016). Sociodemographic factors and health conditions associated with the resilience of people with chronic diseases: a cross sectional study. *Revista latino-americana de enfermagem*, 24, 2786. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.1205.2786>
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423-32. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201314>
- Campbell-Sills, L. & Stein, M. B. (2007). Psychometric analysis and refinement of the Connor–Davidson resilience scale (CD-RISC): validation of a 10-item measure of resilience. *Journal of Traumatic Stress*, 20(6), 1019-1028. <https://doi.org/cngfv3>
- Connor, K. M. & Davidson, J. R. (2003). Development of a new resilience scale: The Connor-Davidson resilience scale (CD-RISC). *Depression and anxiety*, 18(2), 76-82. <https://doi.org/ffwnjs>
- Friborg, O., Hjermald, O., Rosenvinge, J. H., & Martinussen, M. (2003). A new rating scale for adult resilience: what are the central protective resources behind healthy adjustment? *International journal of methods in psychiatric research*, 12(2), 65-76. <https://doi.org/bz5f9n>

- Garcia, S. C., Brino, R. F., & Williams, L. C. A. (2009). Risco e resiliência em escolares: um estudo comparativo com múltiplos instrumentos. *Psicologia da Educação, 28*, 23-50.
- Genz, N., Muniz, R. M., Andrade, F. P., Lange, C., Pinto, A. H., & de Almeida, N. L. D. (2016). Estadiamento e grau de resiliência do sobrevivente ao câncer de mama. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online, 8*(4), 4935-4941. <https://doi.org/gbnf>
- Hjemdal, O., Friborg, O., Martinussen, M., & Rosenvinge, J. H. (2001). Preliminary results from the development and validation of a Norwegian scale for measuring adult resilience. *Journal of the Norwegian Psychological Association, 38*(4), 310–317.
- Karoly, P. & Ruehlman, L. S. (2006). Psychological “resilience” and its correlates in chronic pain: findings from a national community sample. *Pain, 123*(1-2), 90-97. <https://doi.org/fpng4f>
- Lee, T. Y., Cheung, C. K., & Kwong, W. M. (2012). Resilience as a positive youth development construct: a conceptual review. *The Scientific Word Journal*. <https://doi.org/gb8dqr>
- Liu, J. J. W., Ein, N., Gervasio, J., Battaion, M., Reed, M., & Vickers, K. (2020). Comprehensive meta-analysis of resilience interventions. *Clinical Psychology Review, 82*, 101919. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2020.101919>
- Liu, J. J. W., Reed, M., & Fung, K. P. (2020). Advancements to the Multi-System Model of Resilience: updates from empirical evidence. *Heliyon, 6*(9), e04831. <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2020.e04831>
- Liu, J. J. W., Reed, M., & Girard, T. A. (2017). Advancing resilience: An integrative, multi-system model of resilience. *Personality and Individual Differences, 111*, 111–118. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.007>
- Luthar, S. S., Cicchetti, D., & Becker, B. (2000). The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development, 71*(3), 543-562. <https://doi.org/bfdzqj>
- Masten, A. S. (2007). Resilience in developing systems: progress and promise as the fourth wave rises. *Development and Psychopathology, 19*(3), 921-930. <https://doi.org/dn3bsc>
- Masten, A. S. & Cicchetti, D. (2016). Resilience in development: Progress and transformation. *Developmental Psychopathology, 4*, 271-333. <https://doi.org/gjt5vg>
- Masten, A. S., Lucke, C. M., Nelson, K. M., & Stallworthy, I. C. (2021). Resilience in Development and Psychopathology: Multisystem Perspectives. *Annual Review of Clinical Psychology, 17*(1), 521–549. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-081219-120307>
- Oliveira, K. D. S., & Nakano, T. D. C. (2021). Desenvolvimento e investigação de evidências de validade para o instrumento Marcadores de Resiliência Infantil. *Psico-USF, 25*, 737-749. <https://doi.org/10.1590/1413/82712020250412>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ, n71*. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>

- Pesce, R. P., Assis, S. G., Avanci, J. Q., Santos, N. C., Malaquias, J. V., & Carvalhaes, R. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde pública*, 21, 436-448. <https://doi.org/d88nbg>
- Pinto, B. K., Muniz, R. M., Schwartz, E., Budó, M. D. L. D., Heck, R. M., & Lange, C. (2014). Identidade do homem resiliente no contexto de adoecer por câncer de próstata: uma perspectiva cultural. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 67(6), 942-948. <https://doi.org/gbnh>
- Prince-Embury, S. (2007). *Resiliency Scales for Children and Adolescents: Profiles of personal strengths*. San Antonio, TX: Harcourt Assessments.
- Priolo-Filho, S. R., Goldfarb, D., Zibetti, M. R., & Aznar-Blefari, C. (2020). Brazilian Child Protection Professionals' Resilient Behavior during the COVID-19 Pandemic. *Child Abuse & Neglect*, 110, 104701. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2020.104701>
- Riley, J. R., & Masten, A. S. (2005). Resilience in context: Linking context to practice and policy. In R. D. Peters, B. Leadbeater, & R. J. McMahon (Eds.), *Resilience in children, families, and communities: Linking context to practice and policy* (pp. 13-25). Kluwer Academic/Plenum.
- Smith, B. W., Dalen, J., Wiggins, K., Tooley, E., Christopher, P., & Bernard, J. (2008). The brief resilience scale: assessing the ability to bounce back. *International Journal of Behavioral Medicine*, 15(3), 194-200. <https://doi.org/c8cdzq>
- Ungar, M. (2015). Practitioner review: diagnosing childhood resilience—a systemic approach to the diagnosis of adaptation in adverse social and physical ecologies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 56(1), 4-17. <https://doi.org/f6x353>
- Vincenzi, S. L., Mendes, L. A. D. C., Gouveia, V. V., & Andrade, D. F. D. (2016). Escala de resistência à mudança (ram): construção, evidências psicométricas e versão reduzida. *Psico-USF*, 21, 471-486. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210303>
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8(spe), 75-84. <https://doi.org/fcqwxyz>
- Wagnild, G. M. (2010). *The Resilience Scale user's guide for the US English version of the Resilience Scale and the 14-Item Resilience Scale (RS-14)*. Worden, MT: The Resilience Center.
- Wagnild, G. M. & Young, H. M. (1993). Development and psychometric evaluation of the Resilience Scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1(2), 165-178.
- Wekerle, C. (2013). Resilience in the context of child maltreatment: Connections to the practice of mandatory reporting. *Child abuse & neglect*, 37(2-3), 93-101. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2012.11.005>
- Wekerle, C., Wolfe, D. A., Cohen, J. A., Bromberg, D. S., & Murray, L. (2018). *Childhood maltreatment* (Vol. 4). Hogrefe Publishing.
- Windle, G., Bennett, K. M., & Noyes, J. (2011). A methodological review of resilience measurement scales. *Health and quality of life outcomes*, 9(1), 8. <https://doi.org/ddtcsm>